

## Resposta a internauta: hipocrisia kardecista

Os incapazes de atacar um pensamento atacam o pensador. (Paul Valery)

Sempre encontramos pela frente fanáticos que sempre estão querendo demonstrar que sabem mais de Bíblia do que nós espíritas. Talvez, inconscientemente, eles julgam ser mais inteligentes ou quiçá mais iluminados que todos nós, uns pobres coitados, que não seguimos a estreita maneira deles de interpretar a Bíblia, especialmente, por estarem atolados até o pescoço nos dogmas fabricados pela liderança religiosa de antanho, cujo objetivo era o de apenas dominar os incautos fiéis, uma vez que não lhes movia o interesse do aperfeiçoamento moral deles.

Vejamos mais um, cuja fala iremos comentar, pois se ficarmos calados pensará que não temos argumentos, reforçando-lhe a crença, que certamente negará, de ser mais inteligente que todos nós. Como não nos interessa a pessoa em si, mas os seus argumentos, omitiremos propositalmente o seu nome. Faremos isso, pois o que ela coloca é bem o pensamento de muitos outros, sabemos disso.

---- Mensagem encaminhada ----

De: xxxxxxxxxxxxxxxx <[xxxxxxxxxxxxx@yahoo.com.br](mailto:xxxxxxxxxxxxx@yahoo.com.br)>

Para: [apologia\\_gae@yahoo.com.br](mailto:apologia_gae@yahoo.com.br)

Enviadas: Terça-feira, 6 de Maio de 2008 16:05:45

Assunto: Hipocrisia kardecista

A prática kardecista de utilizar a Bíblia de acordo com a própria conveniência chega a ser nojenta. Se a Bíblia não é a Palavra de Deus para os homens, os espíritas não deveriam utilizá-la, já que nela não creem como tal. Falam de Jesus de acordo com a própria conveniência, naquilo que lhe agrada. Quando Jesus fala que João Batista era o Elias que havia de vir, utilizam isto para respaldar a reencarnação, porém quando Jesus fala sobre condenação eterna, Jesus não presta mais. Engraçado que o professor francês que se auto intitulava um druida, que hoje dá nome a um perna de pau do Vasco da Gama, disse que Jesus era o espírito mais puro já existente, o próprio espírito divino. Poderia o próprio espírito divino mentir quando fala sobre condenação eterna? Quando fala sobre a ressurreição dos mortos? Quando fala sobre a teologia do Pai, Filho e Espírito Santo, do derramamento de sangue para remissão de pecados e não na teologia da libertação? Os espíritas kardecistas utilizam-se das palavras de Jesus assim como um motel se utilizou para fazer propaganda. O motel colocou um cartaz na porta dizendo: amai-vos uns aos outros. Deste mesmo modo o espírito faz com as palavras de Jesus para fazer propaganda da falsa doutrina do pedagogo francês, que se contradiz muito em seus escritos. Esquecem que Jesus falou ao povo de Israel: Ouve ó Israel! O Senhor Teu Deus é o único Deus. Engraçado que o Deus de Israel condena quem consulta os mortos. Mas esta palavra de Jesus não serve à conveniência kardecista. criaram um deus conforme suas conveniências, possibilitando o reino dos céus a qualquer um que se esforce, como se fosse por mérito próprio e não pela remissão dos pecados como Jesus disse. Se vocês quiserem, eu dou todas as referências Bíblicas disto que eu falei. Só mostrem para o Paulo da Silva Neto Sobrinho. Eu quero que explique baseado no contexto, e não isoladamente (conforme no motel). Eu quero saber se dentro do kardecismo há algum espírito mais evoluído que Jesus? Se não há, parem de contradizê-lo.

É comum aos que sentem a fraqueza de seus próprios argumentos iniciarem atacando a integridade ou honradez das pessoas ou coisas que desejam combater, esse, que se nos apresenta agora, não foge a esse fado.

Com hipocrisia é o que nos acusam de agir. Certamente que, seguindo Jesus, lhe perdoaremos, pois, indubitavelmente, como acontece com todos os nossos detratores, não

conhece absolutamente nada de Espiritismo, no íntimo, teme-nos, pois acha que somos um "perigo" a ele, quando na verdade pouco nos importa a sua maneira de crer, não no sentido de menosprezo, mas por respeitar-lhe a forma de pensar. O Espiritismo, como bem disse Kardec, não veio para aqueles que tem uma religião e nela creem, veio, isso sim, para os que não tem ou os que negam os valores espirituais, por viverem no materialismo exacerbado.

Considera nojento a prática espírita de utilizar a Bíblia, certo é direito dele. Podemos até ser acusados de não praticar o que consta em Mt 5,22, mesmo correndo esse risco, diremos, por nossa vez, que mais nojento que isso é atacar as pessoas em suas crenças sem lhes dar o direito de defesa. Deveria saber que usamos a Bíblia apenas porque os fanáticos intolerantes, como é o caso dele, a utilizam para nos atacar. É o que estamos sempre a dizer: "Não faça da sua Bíblia uma arma, pois a vítima pode ser você". Não só desejamos, mas até mesmo imploramos, que ninguém mais a use com o pretexto de demonstrar que nós espíritas estamos errados na forma de expressar nossa religiosidade, como se fossemos obrigados a ver pela bitolada ótica deles. Caso isso fosse verdadeiro tornaria sem sentido algum a parábola do bom samaritano, na qual Jesus recomenda-nos seguir o procedimento daquele que era, à época, considerado um herético, talvez, na visão desse nosso contraditor, agindo com hipocrisia.

Aos que afirmam ser a Bíblia a palavra de Deus somente podemos considerar que ou realmente não a leram, ou se leram não a entenderam, apenas seguem seus líderes que lhes incutem suas próprias idiossincrasias, merecem nossa comiseração. Muito bem disse o Huberto Rohden (1893-1981), que foi um filósofo, educador e teólogo, que se a Bíblia for mesmo a palavra de Deus devemos convir que Ele tenha colocado na "porta do céu" uma placa com os dizeres "Expediente fechado", pois, a partir do ano 100 E.C., aproximadamente, nada mais revelou aos homens. Se isso não aconteceu, então, são os fanáticos que "fecham os olhos" para não ver as carnificinas, contradições, coisas anticientíficas, lendas, mitologias etc, como se vê a mancheias em suas páginas. Apenas nos reservamos no direito de não a considerarmos como sendo a palavra de Deus, deixando essa opção aos que assim a acharem melhor conduzir suas vidas. Entretanto, isso não significa que nela não venhamos a encontrar alguma coisa que podemos considerar como sendo mesmo a palavra de Deus, sabemos separar o joio do trigo, não agindo como bibliólatras fanáticos.

Quando falamos do "Jesus que presta", falamos do Deus que ele nos apresenta, um Deus-Pai, não um deus-carrasco que nos condena eternamente, sem chance de redirmos dos nossos erros, que aliás, são cometidos por ainda não entendermos plenamente as leis de Deus, portanto deveríamos ser orientados e não castigados, coisa que, sem dúvida, até mesmo um pai humano faria assim.

Se buscamos textos à nossa própria conveniência, não fazemos nada mais do que esse crítico faz, estaremos diante de "dois pesos e duas medidas"? Ademais, é evidente que temos de escolher os textos que nos são favoráveis, aliás, não a nós, mas às Leis divinas, pois aceitar matanças e até indução ao estupro, é evidente que não podemos aceitá-los como inspiração divina, sendo totalmente excluídos de nosso conceito. Que tal se entendesse que todos seremos salvos (Mt 18,12-14), que Deus não pode ser pior que um pai humano (Mt 7,11), que devemos sim pagar pelos nossos erros, entretanto, não eternamente (Mt 5,26). Se deixasse se levar pelo nobre sentimento de amor veria que condenação eterna não existe nas leis de Deus, uma vez que até os cobradores de impostos e as prostitutas, considerados gentes de má vida, entrarão no reino dos céus (Mt 21,31). Por outro lado, o conceito bíblico de eterno é um tempo do qual não se sabia o término, pois nem mesmo a falha legislação humana tem atualmente aplicado pena perpétua aos criminosos, justamente para lhes dar oportunidade de reconciliarem-se com a sociedade.

Os que se ojerizam com a ideia da reencarnação, são, normalmente, aqueles que acreditam na condenação eterna no "fogo do inferno", entretanto, nenhum entendido de Bíblia, tal e qual esse crítico se posa, foi capaz de provar que Deus o tenha criado. Todos nós temos os Dez Mandamentos como de origem divina, sendo assim, perguntamos: existe a pena de "assar no fogo do inferno" para quem não cumpre algum deles? Seria bom ler o SI 103,8-10, antes da tentativa, certamente inepta, de responder-nos essa questão.

Quanto ao ser druida, leiamos o que o biógrafo Henri Sausse disse a respeito:

Uma noite, seu Espírito protetor, Z., deu-lhe, por um médium, uma

comunicação toda pessoal, na qual lhe dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma precedente existência, quando, ao tempo dos Druidas, viviam juntos nas Gálias. Ele se chamava, então, Allan Kardec e, como a amizade que lhe havia votado só fazia aumentar, prometia-lhe esse Espírito secundá-lo na tarefa muito importante a que ele era chamado, e que facilmente levaria a termo. (SAUSSE, H. Biografia de Allan Kardec in KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007, p. 19).

Portanto, pode se ver claramente que Kardec não “se auto intitulava um druida”, obteve essa informação de um espírito, o que é bem diferente do que foi afirmado pelo crítico com o objetivo de denegrir a imagem do Codificador, por absoluta falta de argumentos para contestar-lhe os pensamentos.

Percebe-se que o contraditor sabe o que Kardec disse a respeito de Jesus (pergunta 625, de *O Livro dos Espíritos*), então, deveria também saber que ele é o nosso guia e modelo, não o próprio Espírito Divino, mas que este o animava. Certamente, que, por isso mesmo, não poderia mentir. E já que nos reunimos em nome dele, confiamos plenamente que ele está em nosso meio (Mt 18,20). Entretanto, mentem os que interpretam seus ensinamentos à sua conveniência, dando-lhes significado totalmente estranho para um Deus de Amor, como acontece, por exemplo, ao afirmarem da ressurreição dos mortos como algo físico, uma vez que Jesus pregou a ressurreição do espírito, até mesmo porque, como afirmou Paulo, “a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus” (1Cor 15,50). Mas já que falamos em mentir, poderia, nosso crítico, ler os passos 2Sm 12,13-14 e 1Rs 21,19 visando classificá-los com o teor de Dt 24,16.

Um dos grandes problemas que nos leva o fanatismo é que os que assim agem acreditam em tudo que está escrito, sem ao menos se darem ao trabalho de questionar se o que está lá é verdade ou não. Deveriam pesquisar mais e veriam que a expressão “*batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo*” (Mt 28,19), somente constante dos textos após o ano de 325, foi adicionada pelos dogmáticos teólogos católicos, conforme já apontamos em nosso texto “[O ritual do batismo](#)”, do qual transcrevemos:

Analisemos a primeira passagem em que aparecem as orientações de Jesus, ressurreto, aos discípulos (ver tb Mc 16,14-18):

Mt 28,16-20: *Os onze discípulos foram para a Galileia,... Então Jesus se aproximou, e falou: "... Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês..."*.

Essa passagem é o que, por último, encontramos no evangelho de Mateus e somente nele é que se recomenda batizar “em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”, ou seja, em toda a Bíblia é o único passo que diz isso. Chama-nos atenção para o fato de que, naquela época, não se acreditava na Trindade, provando que isso é uma vergonhosa interpolação para justificar práticas ritualísticas criadas posteriormente à morte de Jesus. Agiram dessa forma para transparecer que era coisa comum no período em que Ele ainda vivia entre os discípulos.

Léon Denis, em *Cristianismo e Espiritismo*, disse:

Depois da proclamação da divindade de Cristo, no século IV, depois da introdução, no sistema eclesiástico, do dogma da Trindade, no século VII, muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas, a fim de que exprimissem as novas doutrinas (Ver João I, 5,7). “Vimos, diz Leblois (145), na Biblioteca Nacional, na de Santa Genoveva, na do mosteiro de Saint-Gall, manuscritos em que o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde foi intercalado no texto, onde se encontra ainda”.

(145) “As bíblias e os iniciadores religiosos da humanidade”, por Leblois, pastor de Strasburgo.

(DENIS, 1987, p. 272). (grifo nosso).

Grifamos apenas para ressaltar que a origem dessa informação foi tirada da fala

de um pastor; isto é importante para demonstrar a imparcialidade de quem dá a notícia.

Entretanto, para nossa própria grata surpresa, conseguimos também provar essa interpolação, ao lermos Orígenes(185-254), considerado como um dos “Pais da Igreja”, que viveu na Antiguidade cristã. Na sua obra apologética intitulada *Contra Celso* (cerca de 248), ele, refutando as críticas deste filósofo pagão contra os cristãos, transcreve, em seu discurso, muitas passagens bíblicas, e, entre elas, cita Mt 28,19 com o seguinte teor: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (ORÍGENES, 2004, p. 154). O que atesta que a expressão “batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” foi mesmo colocada, posteriormente, para se justificar o dogma da Trindade.

O historiador e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, David Flusser (1917-2000), que lecionou no Departamento de Religião Comparada por mais de 50 anos, nascido na Áustria, foi estudioso da literatura clássica e talmúdica, conhecia 26 idiomas, informa que:

De acordo com os manuscritos de Mateus que foram preservados, o Jesus ressuscitado ordenou aos seus discípulos batizar todas as nações “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. A fórmula trinitária franca, aqui, é de fato notável, mas já foi mostrado que a ordem para batizar e a fórmula trinitária faltam em todas as citações das passagens de Mateus nos escritos de Eusébio anteriores ao Concílio de Niceia. O texto de Eusébio de Mt 28:19-20 antes de Niceia era o seguinte: “Ide e tornai todas as nações discípulas em meu nome, ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei”. Parece que Eusébio encontrou essa forma do texto nos códices da famosa biblioteca cristã em Cesareia.<sup>75</sup> Esse texto mais curto está completo e coerente. Seu sentido é claro e tem seus méritos óbvios: diz que o Jesus ressuscitado ordenou que seus discípulos instruissem todas as nações em seu nome, o que significa que os discípulos deveriam ensinar a doutrina de seu mestre, depois de sua morte, tal como a receberam dele. (FLUSSER, 2001, p. 156).

É importante transcrevermos também a nota 75 em que Flusser coloca sua base de informação:

Ver D. Flusser, “The Conclusion of Matthew in a New Jewish Christian Source”, *Annual of the Swedish Theological Institute*, vol. V, 1967, Leiden, 1967, pp. 110-20; Benjamin J. Hubbard, “The Matthean Redaction of a Primitive Apostolic Commissioning”, SBL, *Dissertation Series* 19, Montana, 1974. Mais testemunho da conclusão não-trinitária de Mateus está preservado num texto copta (ver E. Budge, *Miscellaneous Coptic Texts*, Londres, 1915, pp. 58 e seguintes, 628 e 636), onde é descrita uma controvérsia entre Cirilo de Jerusalém e um monge herético. “E o patriarca Cirilo disse ao monge: ‘Quem te mandou pregar essas coisas?’ E o monge lhe disse: ‘O Cristo disse: Ide a todo o mundo e pregai a todas as nações em Meu nome em cada lugar”. O texto é citado por Morcon Smith, *Clement of Alexandria and a Secret Gospel of Mark*, Harvard University Press, Cambridge, Mass, 1973, p. 342-6. (FLUSSER, 2001, p. 170).

Na sequência, Flusser diz que...

“um testemunho adicional das versões mais curtas de Mt 28:19-20a foi descoberto há pouco tempo numa fonte judeu-cristã...” (FLUSSER, 2001, p. 156), citando como fonte: Sh. Pinès, “The Jewish Christians of the Early Centuries of Christianity According to a New Source”, *The Israel Academy of Sciences and Humanities Proceedings*, vol. II, nº 13, Jerusalém, 1966, p. 25. (FLUSSER, 2001, p. 170).

Para corroborar tudo isso iremos apresentar a opinião de Geza Vermes, um dos maiores especialistas sobre a história do cristianismo, que, falando sobre esse passo, disse:

[...] Nos programas missionários anteriores, não houve questão quanto ao batismo, e menos ainda quanto a batizar nações inteiras. Além disso, o batismo administrado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo não tem precedente não só nos Evangelhos, mas também em qualquer lugar de todo o Novo Testamento. A fórmula que ocorre em Atos dos Apóstolos é batismo “em nome de” Jesus (At 2,38; 8,16; 10,48; 19,5) e, em Paulo, batismo “em Cristo” (Rm 6,3; Gl 3,27). Fora de Mateus, a fórmula trinitária, Pai, Filho e Espírito Santo ocorre pela primeira vez no manual litúrgico da igreja primitiva intitulado Didaqué ou Instrução dos Doze Apóstolos, que é datado da primeira metade do século II d.C. Tudo isso aponta para uma origem tardia de Mt 28,18-20.[...] (VERMES, 2006, p. 377-378). (grifo nosso).

Podemos colocar dois argumentos para contradizer essa passagem de Mateus: 1º) é que Jesus, quando vivo, não recomendou o batismo de água, mas um outro, o que veremos mais à frente; 2º) em Atos (2,38; 8,16; 10,48 e 19,5) temos a prova de que se batizava somente “em nome de Jesus”, evidenciando falta grave de quem fez a interpolação por não ter percebido esse pequeno detalhe. Eh!... Não há mesmo crime perfeito!

Mas esse fato não passou despercebido pelos tradutores da Bíblia de Jerusalém, que o minimizam dizendo:

É possível que, em sua forma precisa, essa fórmula reflita influência do uso litúrgico posteriormente fixado na comunidade primitiva. Sabe-se que o livro dos Atos fala em batizar “no nome de Jesus” (cf. At 1,5+; 2,38+). Mais tarde deve ter-se estabelecido a associação do batizado às três pessoas da Trindade. Quaisquer que tenham sido as variações nesse ponto, a realidade profunda permanece a mesma. O batismo une à pessoa de Jesus Salvador; ora, toda a sua obra salvífica procede do amor do Pai e se completa pela efusão do Espírito. (explicação para Mt 28,19, p. 1758). (grifo nosso)

Eis aí acima a que se pode chegar, quando se busca a verdade, não aquilo que dizem ser, pena que fanáticos não conseguem fazer isso.

Sobre a teologia “do derramamento de sangue para remissão de pecados”, há coisas interessantes: João Batista pregava “o batismo de arrependimento para remissão de pecados” (Mc 1,4; Lc 3,3), ficando claro que a remissão de pecados não decorria do derramamento de sangue. Por outro lado, esses dois evangelistas mantêm uma outra ideia ao registrar os acontecimentos durante a ceia, que passou a ser a forma de selar o pacto da Nova Aliança (Mc 14,24; Lc 22,20). João (13) não diz coisa alguma relacionada a sangue, só Mateus (26,28) é onde se encontra essa afirmação, entretanto, cabe-nos questionar o porquê Jesus afirmara que o julgamento seria na base do “a cada um segundo as suas obras” (Mt 16,27); qual o sentido dele ter dito que a nossa “salvação” estaria nos atos de caridade aplicados a favor do próximo, conforme se deduz da parábola do juízo final (Mt 25,31-46) e, por fim, se essas obras não valem nada, por qual razão recomendou-nos seguir o exemplo do bom samaritano que cuidou do homem semimorto à beira da estrada (Lc 10,29-36), como forma de entrarmos no reino dos céus?

É para nós uma grande novidade saber que pregamos a “teologia da libertação”, mas, no fundo, acreditamos que sim: queremos libertar as pessoas do julgo da liderança religiosa que só quer o dízimo delas, como também, lutamos para libertar todos da prisão mental a qual submetem seus fiéis, justamente para arrancar-lhes o dízimo. Há uma frase lapidar de Paulo: “O Senhor é o Espírito; e onde se acha o Espírito do Senhor aí existe a liberdade” (2Cor 3,17), o que significa dizer, em outras palavras, que onde não há liberdade o Espírito do Senhor não existe, ou seja, não se encontra. Ganha um doce quem adivinhar onde?

Em relação à comparação da placa de motel, quem sabe foi de tanto ver as igrejas usando tal expediente para “pelar” seus fiéis, dizendo: “Dê todo o seu dinheiro, que Deus lhe dará em dobro”. (Os pobres coitados não percebem que se deram todo o seu dinheiro ficarão sem nada e o dobro de nada é nada mesmo!!!). Sabemos muito bem que as pessoas acabam transferindo para as outras aquilo que são intimamente, é o que os psicólogos afirmam, é por esse motivo que devemos compreender nosso contraditor, quando adjetiva-nos de “falsa doutrina”.

Nem ao menos sabe separar as coisas, pois Jesus nunca disse "Ouve ó Israel!", parecemos mais o que falava Moisés (Dt 5,1; 6,4; 9,1; 27,9). Exato, o nosso crítico está absolutamente certo "O Deus de Israel" condena quem consulta os mortos, porém, o Deus de Jesus não condenou absolutamente nada, inclusive, ele próprio, conversou com os Espíritos de Moisés e Elias, justamente para demonstrar que essa proibição não provem de Deus. É completamente fora de lógica imaginar que Deus tenha criado uma maneira de comunicarmos com os mortos para depois afirmar que fazendo isso estaríamos praticando coisa abominável a Ele, convenhamos que seria muito mais racional que não criasse essa possibilidade. Assim, a "conveniência kardecista" é usar a razão e a lógica para pautar as coisas que devemos fazer ou não, a ficar apegado a um livro que nem mesmo sabemos exatamente quais foram os seus autores.

Quanto às referências bíblicas a respeito da salvação "grátis" (pela remissão dos pecados), não precisa citar, temos pleno conhecimento delas e já demonstramos como erroneamente as interpretam, e, certamente, a sua conveniência faria você buscar somente o que lhe interessa para justificar o que pensa. Lembramos aqui de que se o derramamento do sangue de Jesus fosse para remissão dos pecados, então estaremos todos salvos, de um lado, ou então teremos que arrumar um outro Cristo para morrer pelos pecados dos homens que foram cometidos depois de sua morte até agora, pois a prática pagã de expiação de pecados por sangue, no caso de animais, só valia para os pecados cometidos, não para pecados futuros. Sem falar que estamos esperando o resultado prático até hoje, pois, a rigor, o homem continua pecando. Uma outra coisinha: por que o pecado de Adão e Eva não foi remido já que nascemos com o pecado original (que é bem "original", isso é mesmo!)?

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Jul/2008